

DESIGNAÇÕES PARA *CURAU/CANJICA SEM COCO* E A TRANSIÇÃO ENTRE OS FALARES NORTISTA, NORDESTINO E CENTROESTINO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS DADOS DO ALIB E DO ALITETTO

THE DESIGNATIONS FOR *CURAU/CANJICA WITHOUT COCONUT* AND THE TRANSITION AMONG NORTHERN, NORTHEAST AND MIDWEST SPEECHES: A COMPARISON OF ALIB AND ALITETTO DATA

Vanessa Yida | [Lattes](#) | vanessayida@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Londrina | Universidade Estadual do Norte do Paraná

Greize Alves da Silva | [Lattes](#) | greize_silva@uft.edu.br

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O milho, ao lado da soja, constitui boa parte do cultivo de grãos no território brasileiro e seu aproveitamento vai desde o consumo humano à fabricação de derivados, tais como álcool, amido, óleos, dentre outros. Sua ampla disseminação como base alimentar na cozinha brasileira data do Brasil Colônia, período em que o cereal era utilizado pelos sertanistas, uma vez que seu plantio é de fácil manejo e compõe fonte importante de carboidrato para as funções dos desbravadores e dos animais. Atualmente, o milho in natura é usado como base de vários pratos brasileiros, tanto doces como salgados; tais iguarias recebem, a depender da região, nomeações diversas. Nesse contexto, este artigo apresenta as designações para a iguaria doce comumente conhecida por *curau/canjica* (sem coco), documentadas a partir do questionamento aplicado pelos inquiridores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, em cotejo aos dados registrados no Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALiTETTO). O intuito geral do trabalho é o de averiguar a diatopia das designações e como o Tocantins, Estado que estabelece transição entre três regiões brasileiras, atua no conjunto de variantes. Para dar cumprimento ao objetivo, a partir das formas documentadas, foram elaboradas cartas diatópicas pontuais e um gráfico comparativo de produtividade. Em síntese, o Tocantins apresenta um comportamento dialetal distinto, singularizado em comparação ao conjunto das regiões analisadas, possivelmente resultante de sua formação humana.

Palavras-chave: Dialetoлогия Pluridimensional; Projeto ALiB; ALiTETTO; Alimentação e Cozinha; *Curau/canjica sem coco*.

Abstract: The corn, just like the soy, is one of the main grain crops in Brazilian territory and its utilization goes from human consumption to derivatives manufacturing, such as alcohol, starches, oils, among others. Its wide dissemination as a food base in Brazilian cooking dates to colonial times, when the hinterland men used this cereal because of its planting is easy to manage and it is an important source of carbohydrate for the explorers and their animals. Currently, the corn is used as main ingredient for several Brazilian recipes, both sweet and salty; such delicacies receive, depending on the region, different nominations. In this context, this article presents the designations for the sweet delicacy commonly known as *curau/canjica* (without coconut), documented from the questionnaire applied by the inquirers of the Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) in the North, Northeast and Midwest regions, comparing to documented data in the Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALiTETTO). The main purpose of this essay is to investigate the diatopy of the designations and how the Tocantins, a state that establishes a transition among three Brazilian regions, operates in the set of variants. To fulfill the objective, based on the documented forms, specific diatopic maps and a comparative productivity graphic were created. In summary, Tocantins presents a distinct dialectal behavior, unique in comparison to the set of analyzed regions, possibly resulting from its human formation.

Keywords: Pluridimensional dialectology; ALiB Project; ALiTETTO; Food and cooking; *Curau/canjica* without coconut.

1 Introdução

O milho (*Zea mays L.*) constituía o cereal mais importante cultivado na América Pré-Colombiana; além de representar a identidade cultural de alguns povos, consistia em símbolo sagrado para astecas e maias (OLIVEIRA, 2012) e em base alimentar para os incas. Há aproximadamente 8.000 anos, após o estabelecimento do homem na América, variadas espécies voltadas à alimentação passaram a ser domesticadas e disseminadas pelo continente (FREITAS, 2001).

Estudos arqueológicos mais recentes sugerem que o milho descoberto no Brasil se origina do centro-sul mexicano (FREITAS, 2001). Conforme Freyre (1980) e Cascudo (2004), esse foi o único cereal encontrado pelos europeus no país. A sua disseminação teve, em um primeiro momento, a interferência ameríndia que passou a semeá-lo e a cultivá-lo; há inclusive notícias a respeito de uma lenda guarani, na qual o cereal repre-

senta o alimento essencial que salvaria a tribo em um período de escassez de alimentos (FERNANDES, 2004). Ainda segundo Cascudo (2004), seu modo de preparo e os pratos que surgiram a partir desse ingrediente sintetizam a mescla entre as culinárias indígena, africana e portuguesa, assentando a cozinha brasileira.

No que se refere à difusão dessa cultura em território brasileiro, notadamente no século XVIII, os bandeirantes desempenharam papel fundamental. O milho marcou participação na vida dos paulistas, na conquista de novos espaços, como um dos mantimentos principais para o consumo em expedições sertanistas e na colonização de outras regiões, conforme explica Basso (2012). Por se tratar de um alimento de fácil e rápido cultivo, durante suas incursões ao interior do Brasil, os bandeirantes foram semeando os grãos sertão adentro e voltando para colhê-los e consumi-los.

Na atualidade, o milho é o segundo produto agrícola mais importante no país¹ e os pratos elaborados a partir desse ingrediente marcam presença fundamental nas festividades populares, como as festas juninas, em especial no Nordeste, representando a miscigenação entre a cultura indígena (em receitas à base de milho, como a pamonha e a pipoca) e a religião de herança portuguesa, simbolizada pelos santos católicos (Santo Antônio, São João, São Pedro).

Tendo em vista a relevância do milho e das receitas produzidas a partir desse cereal no cenário da cultura nacional, no subtópico Semântico-Lexical (QSL) que consta dos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), são arroladas três questões buscando as diferentes denominações para *curau/canjica* com e sem coco (questões 179 e 180, respectivamente), produzidas a partir do milho verde, e para *canjica/mugunzá*, em geral, elaborada com o grão branco (questão 181), com foco na descrição da diversidade linguística do português brasileiro.

Isso posto, neste artigo, selecionamos a questão 180, cujas designações documentadas recobrem o conceito de *curau/canjica sem coco*, no intuito de verificar a distribuição diatópica das formas e como o Tocantins, Estado mais novo da região Norte, anteriormente pertencente ao Centro-Oeste, atua no conjunto dessas variantes. Assim, é discutida a distribuição geográfica das diferentes nomeações no território nacional a partir dos dados do ALiB em contraste com as designações registradas no ALiTTETO, *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (SILVA, 2018).

¹ Os principais grãos cultivados no Brasil são: soja, milho, arroz, café, trigo e feijão. Disponível em: <https://bra-agroquimica.com.br/brasil-assumira-dianteira-na-producao-de-graos/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Desse modo, na primeira seção, sistematizamos a relação entre o léxico e a cultura e a contribuição das pesquisas geolinguísticas, como o Projeto ALiB, no mapeamento e na descrição da diversidade linguística do português brasileiro. Na segunda seção, apresentamos a metodologia utilizada neste estudo, cotejamos e analisamos outras investigações com foco nas variantes para *curau/canjica sem coco* e, por fim, seguem as conclusões finais e as referências.

2 Léxico, cultura e a contribuição dos estudos geolinguísticos: o Projeto ALiB e o ALITETTO

A partir da palavra, aspectos da realidade de uma língua podem ser identificados e nomeados, dadas as necessidades do falante (BIDERMAN, 1998). Assim, as palavras tornam-se tesouros de uma cultura, sendo transmitidas através das gerações, como espólio herdado e transmitido. Ao se reportar à hipótese de Sapir-Whorf, Biderman continua: “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas” (BIDERMAN, 1998, p. 93). Desse modo, o léxico de uma língua transparece a cultura de um povo, a “experiência coletiva acumulada na comunidade” (BIDERMAN, 1998, p. 95), que vê e interpreta o mundo de modo particular, consoante o ambiente social e físico que o permeia, conforme Sapir (1969). Por intermédio da nomeação, o homem manifesta sua essência linguística, o modo como abstrai e designa os objetos e seres do mundo, o universo significativo.

A intrínseca relação entre a língua, a cultura e sociedade está refletida no léxico, o nível linguístico que exprime as modificações das estruturas sociais; no modo como uma sociedade lê e interpreta o mundo e passa a representá-lo por meio desse inventário. Dessa maneira, no estudo do léxico de uma língua, importa observar a história da comunidade linguística², seus costumes, o ambiente em que reside, sua mobilidade espacial, os outros grupos humanos com quem teve contato. Em suma, características sócio-históricogeográficas e culturais podem ser recuperadas a partir do estudo do léxico de determinada comunidade.

No que se refere ao léxico dialetal, ou seja, o conjunto de variantes que “identificam áreas demarcadas geolinguisticamente e que singularizam o vocabulário regional” (ISQUERDO, 2016, p. 135), a presença ou a ausência de uso de determinadas formas

² Adotamos *comunidade linguística* ou *comunidade de fala* como aquele grupo de falantes que compartilha um conjunto de normas linguísticas e atitudes sociais em relação à língua (LABOV, 2008 [1972]).

pode ser motivada pela manutenção ou desaparecimento de hábitos culturais em comunidades linguísticas. Assim, incidem nas especificidades lexicais de um grupo fatores linguísticos e extralinguísticos; dentre os últimos, destacam-se a influência do deslocamento populacional e dos movimentos migratórios, difundindo novos hábitos e valores e, em contrapartida, a escolarização e o acesso a meios de comunicação que atuam na padronização linguística.

No intuito de descrever essas formas que caracterizam e identificam determinadas comunidades linguísticas que partilham uma mesma área geográfica, a Geolinguística, por meio das cartas linguísticas, busca mapear os dados dialetais registrados por esses grupos, fornecendo informações sobre o uso e a disseminação das variantes, além de possibilitar, em nível lexical, estudos a respeito de suas particularidades étnico-histórico-culturais, dentre outras.

Nesse cenário dos estudos geolinguísticos, destaca-se o Projeto ALiB, de caráter nacional, que objetiva a confecção de um atlas linguístico geral, descrevendo e mapeando a realidade linguística no Brasil, no que diz respeito a aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos do português brasileiro. No que concerne aos dados das capitais, os primeiros resultados do referido projeto encontram-se publicados em Cardoso et al. (2014a, 2014b). Trata-se, pois, de um atlas linguístico pluridimensional, conforme esclarece Mota (2014):

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) insere-se no quadro metodológico da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, contemplando, além do parâmetro diatópico, outros parâmetros variacionais (diatrático, diageracional, diafásico, diassexual ou diagenérico) e se configura como um atlas de terceira geração [...] (MOTA, 2014, p. 79).

Assim, na identificação, descrição e análise dos fenômenos linguísticos, além do parâmetro distribuição espacial, somam-se o controle de variáveis sociais, tais como o sexo, a faixa etária e a escolaridade. Especificamente, são, no total, 1.100 informantes (900 em pontos do interior e 200 nas capitais), sendo distribuídos equitativamente em sexo - masculino e feminino - e faixa etária - faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos) -, sendo acrescida à seleção de informantes das capitais a estratificação escolaridade (fundamental incompleto e superior). No que se refere especificamente à diatopia, foram considerados apenas informantes topoestáticos, nascidos na região linguística em pesquisa, com pais preferencialmente também naturais da mesma localidade, em contraste à diatopia

topodinâmica, aplicada no *Atlas Lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay* (ADDU) (ELIZAINCÍN; THUN, 2000) e, a título de exemplo, no *Atlas lingüístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (ALITTETO) (SILVA, 2018). Em síntese, no que corresponde ao léxico e à cultura, os dados do ALiB possibilitam o traçado de uma visão geral dos fenômenos linguísticos, além de subsidiar inúmeros estudos mais específicos, delimitados em extensões territoriais mais restritas, como os atlas estaduais e os de pequeno domínio.

Exempli gratia, no que concerne aos estudos com base em dados do ALiB na Região Norte, Romano (2020) descreve os designativos para a *mandioca comestível* e para a *mandioca brava*, respectivamente, questões 50 e 51 do QSL dos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001). Foram levantados dados do Projeto coletados em 24 localidades (duas no Amapá, uma em Roraima, cinco no Amazonas, dez pontos no Pará, dois no Acre, dois em Rondônia e dois no Tocantins), em conformidade ao já mencionado perfil de informantes do ALiB nas capitais e interior, à exceção da capital do Tocantins, Palmas, que, devido à metodologia do Projeto, foi excluída da amostra por sua criação mais recente. Diante desse *corpus*, foi realizado um recorte, a fim de padronizar o perfil de informantes, selecionando os com nível de escolaridade fundamental, perfazendo a fala de 96 informantes. De modo geral, ao comparar a distribuição diatópica das variantes nas duas questões, o autor averiguou, nos resultados para a questão 50, a predominância para *macaxeira* em praticamente toda a Região Norte, com menor incidência no Tocantins, Estado no qual a forma mais produtiva é *mandioca*, com alguma ocorrência de *aipim*. No que tange aos resultados documentados para a questão 51, observou a predominância do designativo *mandioca brava* em dados tocantinenses, destoando da norma lexical registrada predominantemente na região nortista, em que a variante eleita é *mandioca*. Afinal, o pesquisador conclui que tal dessemelhança na incidência de variantes no Tocantins em relação aos resultados da Região Norte pode ser fruto do processo de povoamento e ocupação do Estado, bem como em decorrência de fluxos migratórios.

Sobre o ALITTETO, cabe destacar que esse atlas é fruto direto das vertentes teórico-metodológicas do ALiB instituídas para a Dialetologia brasileira a partir de 1996, sobretudo no que se refere a um perfil diageracional e diassexual, além da formulação de um completo instrumento de coleta. Neste sentido, esse estudo contempla em sua estrutura as mesmas variáveis sexo e idade. No entanto, enquanto o ALiB ocupa-se do perfil de informantes autóctones, o ALITTETO trabalha com o padrão diatópico-cinético, ou seja, contrasta as variantes coletadas pelo grupo estático na localidade com os registros dos

falantes procedentes de migração/deslocamentos. Nesse sentido, em cada localidade foram inquiridos oito informantes (números de 01 a 08); os quatro primeiros são os perfis estáticos, enquanto os de 05 a 08 são informantes migrantes em relação às 12 localidades³ selecionadas. No cômputo geral, o *corpus* da pesquisa é constituído por 96 informantes.

Sobre a comparação dos dados do ALiB com os do ALITTETO, no que tange ao doce de milho em análise, cabem algumas considerações. Nascentes, em duas importantes obras, *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958; 1961) e *O linguajar carioca* (1953), enxergava o antigo norte de Goiás⁴, atual Tocantins, com características dialetais distintas, pois, na primeira obra institui seis localidades a serem inquiridas num possível atlas nacional⁵; já na segunda, insere o norte goiano como ponto de transição entre três subfalares (amazônico, nordestino e baiano), enquadrando-o também em sua faixa sudoeste ao território incaracterístico.

Além dos aspectos mencionados, no ALiB apenas duas localidades foram incluídas em sua rede de pontos: Pedro Afonso e Natividade, dadas as características metodológicas adotadas por esse Projeto. Nesse sentido, analisar, juntamente com o ALiB, como o Tocantins se comporta em termos lexicais, é de importância para se verificar os limites espaciais de variantes, tendo em vista que o Estado em questão atua como ponto de transição entre os falares de Nascentes e, geograficamente, como trajetória limítrofe entre o Norte, o Nordeste e o Centro-Oeste. Decorre daí a importância de atlas com objetivos regionais em contraste com um atlas nacional como o instituído pelo ALiB em 1996.

Delineada a relação entre léxico, cultura e a contribuição dos estudos geolinguísticos abrangentes como o Projeto ALiB e do ALITTETO, na seção a seguir foi cotejada a disseminação espacial das variantes nos dois estudos para o referente em pauta.

3 Análise da distribuição diatópica das variantes para *curau/canjica sem coco*

Neste tópico analisamos a distribuição diatópica das variantes obtidas como respostas à pergunta: *como se chama a papa de milho verde ralado, sem coco* nos dois trabalhos

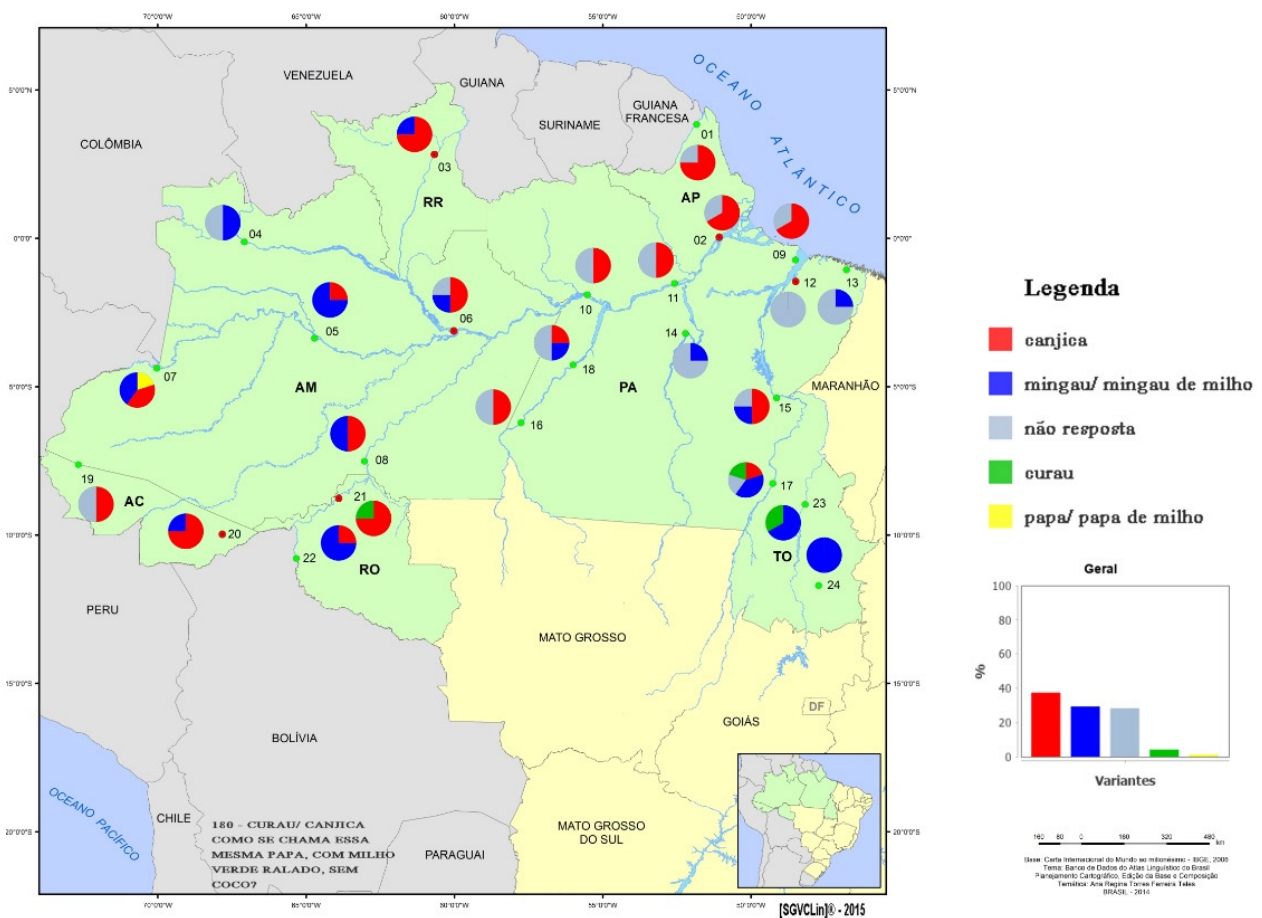
³ Quanto às localidades, no Tocantins, foram escolhidas 12, segundo os critérios histórico-social e político-geográfico, são elas, em sentido norte-sul: Araguatins, Tocantinópolis, Araguaína, Araguacema, Pedro Afonso, Palmas, Porto Nacional, Mateiros, Gurupi, Formoso do Araguaia, Natividade e Paranã.

⁴ O atual Tocantins fez parte do Estado de Goiás até 1988, desmembrado e instituído como unidade federativa por ocasião da Constituição Federal. No entanto, movimentos separatistas sempre fizeram parte da tônica do espaço.

⁵ São elas: 574 – Palma (Bom Jesus da Palma – atual Paranã); 576 – Peixes; 577 – Porto Nacional; 578 – Pedro Afonso; 579 – Pedra de Amolar; e 580 – Tocantinópolis.

geolinguísticos em foco. As duas primeiras cartas linguísticas versam sobre os conceitos registrados a partir da pesquisa realizada com os dados do ALiB e defendida por Yida (2019), junto a 408 informantes, distribuídos em 102 localidades das regiões Norte e Nordeste. A terceira carta apresenta os dados do ALITETO junto aos 96 informantes, em 12 localidades específicas do Tocantins⁶.

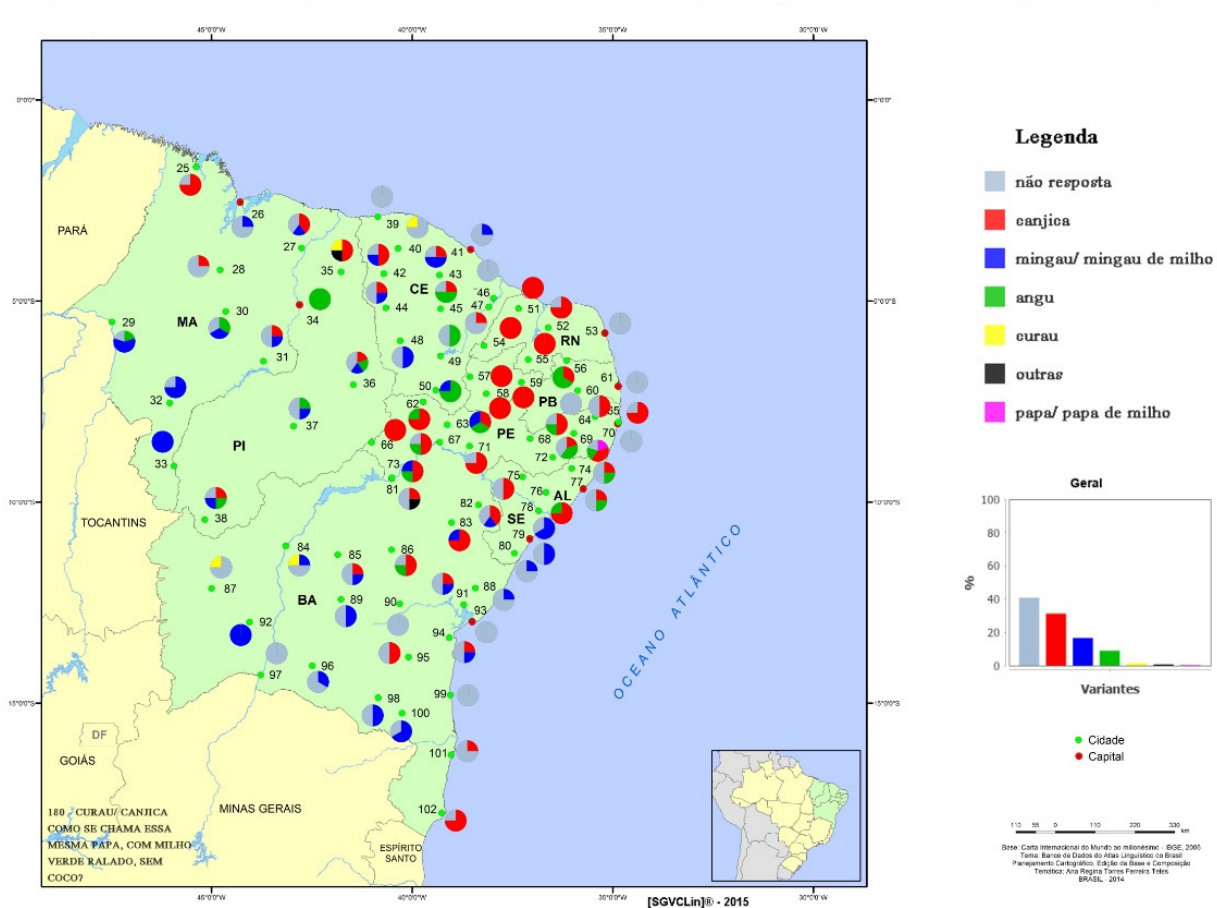
Figura 1 – Distribuição diatópica pontual das variantes coletadas para a “papa cremosa feita de milho verde ralado (sem coco)” na Região Norte



Fonte: Base de dados do ALiB (YIDA, 2019).

⁶ Na tese defendida em 2018, Silva trabalhou com um recorte dos dados envolvendo questões fonéticas e lexicais. No segundo nível, foram trabalhados os seguintes campos semânticos: Frutas e Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Jogos e Diversões Infantis e Vestuário e Acessórios. Ou seja, o subtópico “Alimentação e Cozinha” constitui-se como inédito em termos analíticos e seus dados ainda não foram publicados.

Figura 2 – Distribuição diatópica pontual das variantes coletadas para a “papa cremosa feita de milho verde ralado (sem coco)” na Região Nordeste



Fonte: Base de dados do ALiB (YIDA, 2019).

Como podemos notar, a forma predominante nas regiões Norte e Nordeste (Figura 1 e Figura 2), junto aos informantes do ALiB, foi *canjica*: 37,37% para a primeira e 31,23% para a segunda. Diatopicamente, *canjica* está centrada ao norte do espaço de pesquisa, principalmente nas localidades acima do rio Amazonas, depois irradia para localidades mais extremas, para Rondônia e para o Acre, por exemplo. Notamos também que a variante em apreço forma áreas de ocorrência no Nordeste brasileiro (Figura 2), sobretudo nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e norte da Bahia.

Em consequência do número elevado de abstenções, consideramos o item “não resposta” na cartografia, tendo em vista que interessa, na comparação dos dados geolinguísticos, não somente o registro das formas linguísticas, mas também a verificação de sua ausência, consoante expõe Cardoso (2010). No cenário linguístico em foco, as não

respostas podem sinalizar um desconhecimento do referente por parte dos informantes quanto à utilização do milho em pratos doces e, nomeadamente, o costume de acrescentar coco à receita descrita. Importa, diante desse panorama, levar em consideração que há situações que indicam que a influência do fator cultural resulta no desconhecimento pelo informante de alguns referentes, por não fazer parte dos usos e costumes regionais. Nesse sentido, foram consideradas abstenções as respostas em que os informantes relataram ser praxe inserir o coco na receita descrita no *caput* da questão 180, pois entendemos que, a depender dos hábitos da localidade em que o falante reside, pode haver ou não o costume de inserir coco na receita, fator que incide no registro ou não de resposta à questão. Assim, os resultados percentuais obtidos a partir da aplicação da questão 180 indicaram um elevado índice de não respostas, sobretudo no Nordeste, perfazendo 40,86%, enquanto no Norte o índice foi de 28,28%.

Em seguida, *mingau/mingau de milho* ocorre em forma de dois macroagrupamentos; o primeiro a oeste do território nortista e o segundo em sentido leste, iniciado pelo sul do Pará, perpassando o Tocantins⁷ e adentrando a parte sul maranhense, o Piauí, a Bahia e o Sergipe. Respectivamente, nas duas regiões foram auferidas 29,29% no Norte e 16,61% no Nordeste para o agrupamento *mingau*.

Curau ocorreu em três localidades nortistas: Porto Velho (RO), Conceição do Araguaia (PA) e Pedro Afonso (TO), com índice de citação de 4%. No Nordeste, foi documentado no Ceará, Piauí e na Bahia, com 1,33%. Este item, como se verá mais adiante, constitui norma⁸ em outras regiões brasileiras.

Com apenas duas citações, *papa/papa de milho* foi coletada em Benjamin Constant (AM) e em Caruaru (PE).

Angu foi registrado apenas no Nordeste brasileiro, perfazendo 8,97%, evidenciando a formação de área dialetal, conforme descrição de Yida (2019), posto que:

[...] apresentou-se balizada por isoléxica, compreendendo a maioria das localidades alagoanas e pernambucanas, além dos pontos interioranos pernambucanos, cearenses e piauienses e maranhenses, com alguma incidência na Bahia e Paraíba (YIDA, 2019, p. 177).

Pelos dados aqui representados, depreendemos que as duas formas predominantes

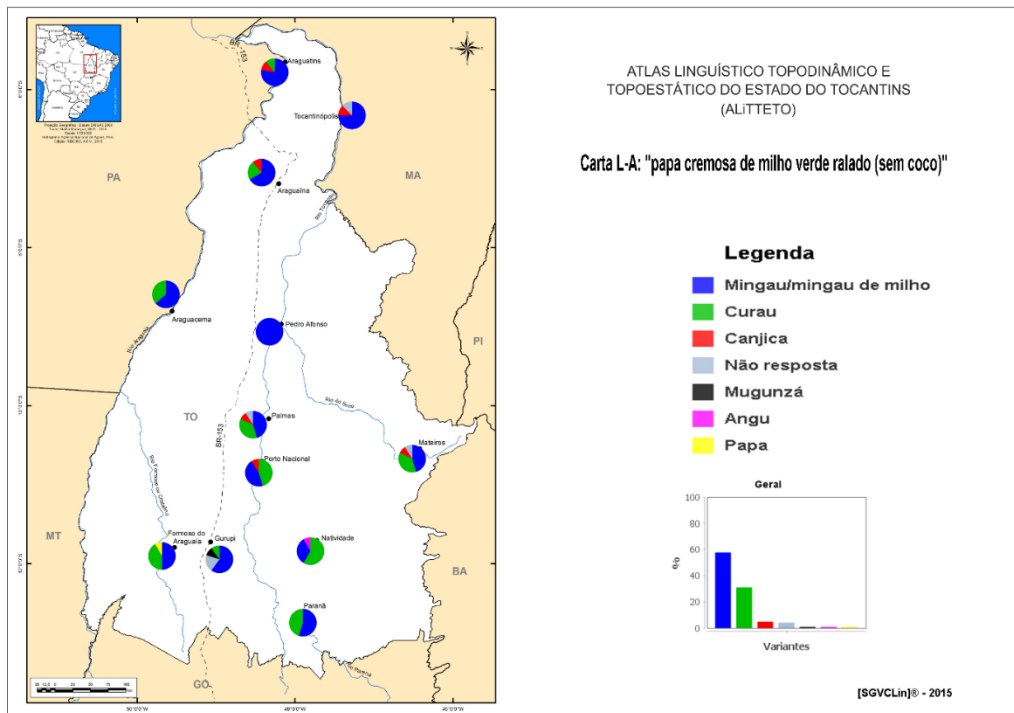
⁷ Cabe lembrar que o ALiB coletou dados em duas localidades tocantinenses: Pedro Afonso e Natividade.

⁸ Neste artigo, trabalhamos com o conceito de *norma* em conformidade com Coseriu (1987); consoante o estudioso, a norma constitui o que já se disse e habitualmente se diz em uma comunidade linguística; corresponde ao uso normal, às realizações comuns que caracterizam e singularizam o falar de uma comunidade.

nos dados do ALiB concorrem na metade norte do território brasileiro: *canjica* e *mingau/ mingau de milho*.

No caso do Tocantins, especificamente, evidencia-se uma situação um tanto divergente quanto à hegemonia de *canjica* no conjunto dos falares nortistas e nordestinos, uma vez que nesse Estado predomina o agrupamento *mingau/mingau de milho* (57,7%), seguido de *curau* (30,9%), *canjica* (4,9) e demais variantes (2,4%), conforme cartograma específico do Atlas estadual tocantinense ALiTTETO a seguir.

Figura 3 – Distribuição diatópica pontual das variantes coletadas para a “papa cremosa feita de milho verde ralado (sem coco)”⁹



Fonte: Base de dados do ALiTTETO (SILVA, 2018).

O índice de abstenções no Tocantins foi de 4%, ou seja, apenas cinco informantes não souberam responder ao questionamento, número bem distinto do apresentado nas regiões Norte e Nordeste pelo ALiB (Nordeste: 40,86%, Norte: 28,28%), o que pode

⁹ No ALiTTETO trabalhamos com dois grupos de informantes, os nascidos na localidade de pesquisa (topoestáticos) em contraste com os habitantes procedentes de migração (topodinâmicos). Na presente análise, usamos na cartografia as respostas fornecidas por ambos os grupos, posto que as preferências lexicais de topodinâmicos e topoestáticos são as mesmas: *mingau/mingau de milho*, seguida de *curau* e *canjica*, não sendo assim a variável “mobilidade” fator preponderante nesses dados.

indicar que a utilização do milho na confecção de receitas doces sem a utilização do coco seja mais conhecida dos informantes presentes no território em questão.

Diatopicamente, no Tocantins, notamos que *canjica*, terceira variante em números percentuais, ocorre de forma esparsa em algumas localidades, tais como: Araguatins, Tocantinópolis e Araguaína (extremo norte do território), Palmas, Porto Nacional (centro) e Mateiros (leste), não demonstrando aparente conexão histórico-social entre elas, tampouco a formação de áreas passíveis de serem delimitadas por isoléxicas¹⁰.

A forma hegemônica no Tocantins é *mingau/mingau de milho* (57,7%), coletada nas 12 localidades, com maior incidência nas situadas no centro-norte do Estado; na metade centro-sul concorre com *curau* (30,9%), segunda variante em termos percentuais.

Temos ainda, com baixa incidência para *mugunzá*, *papa* e *angu* – 0,81% cada, em localidades mais sulistas.

Nesse sentido, com os dados aqui dispostos, comparando-se as distribuições diatópicas das variantes demonstradas nas Figura 1, Figura 2 e Figura 3, apesar de o Tocantins apresentar as mesmas três variantes principais na questão em observação, os percentuais apresentados, quando comparados à Região Norte, por ordem de ocorrência, e à Região Nordeste¹¹, não evidenciam que o Tocantins esteja atrelado a uma dessas duas normas. Esta constatação é distinta da apresentada por Silva (2018), cujo recorte, com dados oriundos de, pelo menos, cinco outros campos semânticos¹², demonstra uma tendência lexical tocantinense com o Nordeste brasileiro, conforme indicativo a seguir.

Na região Sudeste, por exemplo, espaço mais antigo do atual Tocantins, mostramos a formação de consistentes isoléxicas, espaço esse diretamente ligado a três estados nordestinos: Bahia, Sergipe e Ceará. Sendo assim, cremos que a norma típica, pelo menos no que subjaz à região Sudeste, possui tendência ao Nordeste, à Bahia especialmente.

No que se refere a uma possível identificação com o Centro-Oeste, região de origem do Tocantins, Goiás principalmente, cabe destacar que os dados evidenciaram que há pouca assimilação linguística com o estado progenitor, o que pode ser explicado por fatores de formação do espaço norte, com identificação nortista e nordestina desde os primórdios, fato que levou os aspectos linguísticos do Tocantins a se diferenciarem consideravelmente de Goiás (SILVA, 2018, p. 200-201).

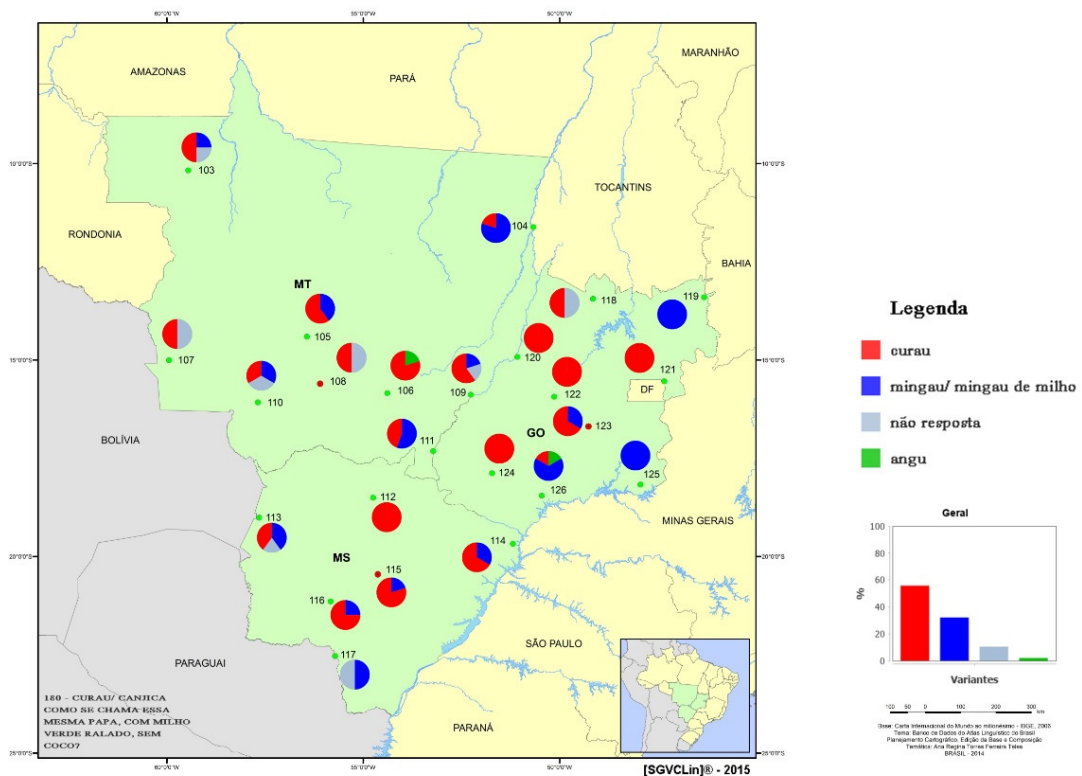
¹⁰ Linha imaginária que marca uma fronteira linguística entre duas variantes regionais com base num traço de natureza lexical (CRYSTAL, 1980).

¹¹ Região Norte, por ordem de ocorrência, *canjica*, *mingau/mingau de milho* e *curau* e Região Nordeste: *canjica*, *mingau/mingau de milho* e *angu*.

¹² Frutas e Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Jogos e Diversões Infantis e Vestuário e Acessórios.

Seria a questão culinária fator de aproximação dialetal do Tocantins com seu Estado progenitor Goiás? Neste sentido, a cartografia com os dados do ALiB (YIDA, 2019) no Centro-Oeste pode nos fornecer alguns indicativos, junto aos 96 informantes distribuídos em 24 localidades.

Figura 4 – Distribuição diatópica pontual das variantes coletadas para a “papa cremosa feita de milho verde ralado (sem coco)” na Região Centro-Oeste



Fonte: Base de dados do ALiB (YIDA, 2019).

Notamos nessa região predominância da variante *curau* (55,66%), seguida por *mingau/ mingau de milho* (32,08%), abstenções (10,38%) e *angu* (1,89%).

Sobre a ocorrência de *mingau/ mingau de milho*, norma no Tocantins, notamos que a variante ocorre em segundo lugar nos dados centroestinos, com diatopia esparsa, distribuídos nas divisas estaduais, Goiás com Tocantins, Goiás com Minas Gerais, Mato Grosso do Sul com São Paulo. Já *curau*, variante mais citada nesses dados, encontra-se centralizada pelo espaço de pesquisa.

Ou seja, nos dados dispostos, não podemos afirmar que o Tocantins pertence, neste quesito, a uma norma da região Centro-Oeste, podendo indicar o que Romano (2020)

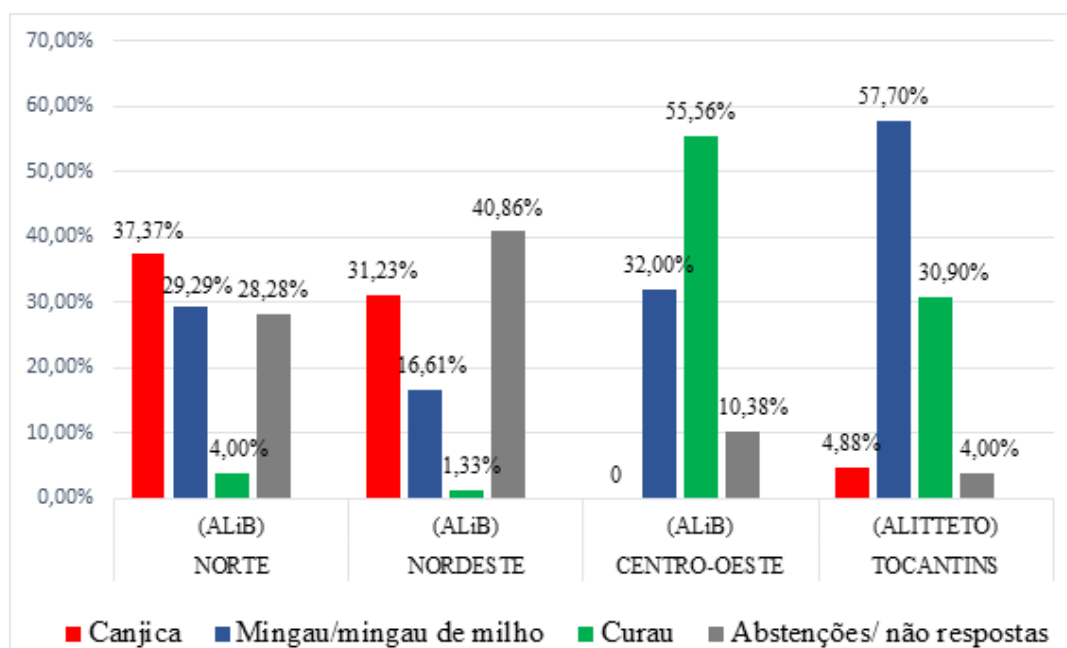
assenta em seu estudo sobre a forma gradual de disseminação de variantes na formação de áreas de ocorrência:

Isso leva à reflexão de que em termos práticos, o estabelecimento de áreas linguísticas ou áreas dialetais não se dá de forma abrupta, mas sim de forma gradual podendo-se defender a ideia da existência de continuum dialetal ou continua dialetais nos territórios (ROMANO, 2020, p. 99)

Ou seja, apesar da existência de extensas áreas que se caracterizam pelo uso de determinadas formas lexicais, há, dentro dessas macrorregiões, a presença de microáreas com comportamentos dialetais distintos, a depender dos fatores sócio-históricos de formação do espaço.

No tocante às três formas mais citadas nos *corpora* do ALiB e do ALiTTETO, organizadas no Gráfico 1, cabem algumas considerações:

Gráfico 1 – Ocorrências das três principais variantes citadas no ALiB e no ALiTTETO distribuídas por regiões geográficas



Fonte: Elaboração das autoras a partir dos dados do ALiB (2019) e do ALiTTETO (2018).

Canjica marca o Norte e o Nordeste, enquanto no Tocantins ocorre com pequeno percentual e sem citações no Centro-Oeste, ou seja, a variante perde intensidade no espaço tocantinense para outra variante.

Mingau/mingau de milho é registrado nas três regiões, com percentuais distintos, com menor incidência no Nordeste, seguido de modo crescente pelo Norte e Centro-Oeste, passando com intensidade pelo TO com quase 58%, constituindo norma neste Estado, enquanto *curau* demarca os estados que compõem o Centro-Oeste.

Por fim, notamos que os índices de não respostas são importantes indicativos sobre o conhecimento ou o desconhecimento dos informantes sobre o referente *curau/canjica sem coco*. A região em que os informantes demonstraram mais desconhecimento foi a Nordeste, seguido pelo Norte e pelo Centro-Oeste.

O Tocantins, ponto de transição entre as três regiões citadas, evidencia o menor índice de não respostas aqui dispostos, indicando que a elaboração da receita descrita em que o milho é ralado e depois cozido com açúcar constitui prato recorrente e conhecido nas localidades que compõem o Estado.

Considerações finais

O campo lexical da alimentação e cozinha traz particularidades importantes para a compreensão dos veios sociodialetais e culturais brasileiros impressos na língua. Assim, o item *curau/canjica sem coco* selecionado para este trabalho constitui uma das importantes bases alimentares brasileira, cujas denominações atrelam-se às nossas origens indígenas, africanas e portuguesas.

Nesse sentido, figura a importância do Projeto Atlas Linguístico do Brasil que, por meio de uma coleta sistemática de dados, possibilita a realização de micro e macroanálises nos vários níveis da língua. Cabe também destacar que o ALiB é o responsável por instituir as bases teórico-metodológicas do fazer dialetológico em solo brasileiro.

Assim, como fruto direto das vertentes estabelecidas pelo ALiB, temos o *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins*, atlas estadual/regional que fornece o *zoom* necessário em uma realidade específica, com a ampliação da rede de pontos e com metodologia baseada no ALiB, somadas à inclusão da variável mobilidade em sua confecção, tendência de nossas incorporações teórico-metodológicas para a descrição de realidades plurais.

Sobre os dados lexicais, nosso estudo aponta que o léxico é importante para a compreensão dos fatores de difusão dialetal em diferentes regiões. Assim, notamos que, no que se refere aos dados tocantinenses, a depender do campo semântico em análise, ora as variantes demonstram maior propensão a uma região, ora atrelam-se a outra.

No caso específico da questão 180, tanto as regiões Norte como Nordeste possuem semelhanças dialetais, a julgar pela predominância da variante *canjica*. Neste caso,

o Tocantins atua como zona interseccionada entre os dois espaços citados e o Centro-Oeste, com predomínio no TO do agrupamento *mingau/mingau de milho*. Os resultados documentados no Centro-Oeste, por seu turno, indicam o início do predomínio da variante *curau* que marca as regiões Sudeste e Sul.

Em suma, sobre nosso intento geral, no que se refere à verificação da diatopia das designações e como o Tocantins atua no conjunto das variantes, conclui-se que o Estado se distancia das predominâncias lexicais das três regiões geográficas analisadas. Tal comportamento dialetal distinto pode ser decorrente da própria formação populacional do espaço, com a inclusão dos elementos humanos oriundos majoritariamente do Norte, Nordeste e do Centro-Oeste e, com menor preponderância, do Sudeste e Sul, fator que possivelmente incide na singularização de sua norma.

Referências

- BASSO, R. A. *A cultura alimentar paulista: uma civilização do milho? (1650-1750)*. 2012. 216f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- BIDERMAN, M. T. Dimensões da palavra. In: *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1998. p. 81-118.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Introdução. v.1. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Cartas Linguísticas. v.2. Londrina: EDUEL, 2014b.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CASCUDO, C. *História da Alimentação no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Global, 2004.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. *Questionários*. Londrina: EDUEL, 2001.
- COSERIU, E. A geografia linguística. In: COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-116.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980.

ELIZAINCÍN, A.; THUN, H. *Atlas Lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)*. v. 1. Kiel: Westensee Verlag, 2000.

FERNANDES, C. *Viagem gastronômica através do Brasil*. São Paulo: Editora Estúdio Sonia Robatto, 2004.

FREITAS, F. de O. *Estudo genético-evolutivo de amostras modernas e arqueológicas de milho (Zea mays mays, L.) e feijão (Phaseolus vulgaris, L.)*. 2001. 125f. Tese (Doutorado em Agronomia). Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2001.

FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 20. ed. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio Editora/INLMEC, 1980. [1933].

ISQUERDO, A. N. Herança lusa na toponímia de municípios da região Norte do Brasil: perspectivas linguísticas e sócio-históricas. In: *Actes du XXVII Congrès international de linguistique et de philologie romanes*. Section 5: Lexicologie, phaséologie, lexicographie. Nancy: ATILF, 2016, v.5, p. 315-328.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MOTA, J. A. Percursos metodológicos: questionários e informantes. In: CARDOSO, S.A.M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Introdução. v.1. Londrina: EDUEL, 2014, p. 79-93.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, vol.1, 1958. Vol. 2, 1961.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

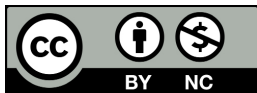
OLIVEIRA, L. de. *Sabor: identidades cultural e alimentar de astecas e maias*. *Geograficidade*. v. 2, n. 2, 2012, p. 50-57. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3987533>. Acesso em: 2 nov. 2020.

ROMANO, V. Macaxeira e mandioca na Região Norte do Brasil em uma perspectiva diatópica nos dados do Projeto ALiB. *Revista Porto das Letras*. v. 6, n. 3, 2020. p. 78-103. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9856/17553>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SAPIR, E. *A linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SILVA, G. A. da. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

YIDA, V. *Normas lexicais no português brasileiro: uma descrição de regionalismos nos dados do campo semântico da Alimentação e cozinha do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. 2v.



Data de submissão: 30/11/2020

Data de aceite: 30/06/2021